



MENINAPODETUDO

Como o machismo e a violência contra a mulher afetam a vida das jovens das classes C, D e E?



REALIZAÇÃO:



APOIO:



A **Énois I Inteligência Jovem**, em parceria com o **Instituto Vladimir Herzog** e o **Instituto Patrícia Galvão**, conduziu uma pesquisa com 2.285 jovens de 14 a 24 anos, com renda familiar de até R\$6.000, moradoras de 370 cidades brasileiras, para descobrir o que é ser menina no Brasil, sob a ótica do machismo e da violência contra a mulher.

Conversamos com as jovens por meio de entrevistas em profundidade e de um questionário online. E, além de pesquisarmos a que tipo de violência essa garota já foi exposta, buscamos compreender o que ela considera violência.

Descobrimos, entre tantas coisas, que o machismo ainda está muito presente na base: da divisão das tarefas domésticas à relação que menino e menina estabelecem com o espaço público. E que, a despeito dos avanços conquistados, as meninas ainda são educadas num ambiente onde o machismo é velado. A boa notícia? Elas já enxergaram isso e querem mudança.

Veja, nas próximas páginas, o desenrolar dessa história.



índice

COISA DE MENINA _____ 03

1. RUA = MEDO _____ 04

2. QUANDO TUDO COMEÇA? _____ 05

3. OS PADRÕES DE COMPORTAMENTO _____ 06

4. QUEM MANDA AQUI _____ 07

5. TÔ NA MÍDIA _____ 08

DE DENTRO PRA FORA _____ 09

PERFIL _____ 10

1. AGRESSÃO FÍSICA _____ 11

2. AGRESSÃO VERBAL _____ 12

3. ASSÉDIO SEXUAL _____ 13

4. ASSÉDIO SEXUAL VERBAL _____ 14

5. RELACIONAMENTOS _____ 15 e 16

6. MEDO DA VIOLÊNCIA _____ 17

7. PRECONCEITO _____ 18

8. CRIAÇÃO _____ 19

9. MÍDIA _____ 20

10. COMO O MACHISMO
AFETOU A SUA VIDA? _____ 21

COMO MUDAR? _____ 22

O QUE AS MENINAS DIZEM? _____ 23

NO FUTURO _____ 24

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS
PIONEIRAS _____ 25



coisa de menina

Não dá pra negar que a mulher conquistou muita coisa no último século. Da presidência do Brasil ao funk, o empoderamento feminino está em pauta. No entanto, dentro de casa, e nos primeiros anos de vida, as meninas continuam aprendendo que há "coisas de menino" que não devem fazer, que há lugares aonde ela não pode ir e roupas que ela não deve usar.

Parece coisa do século passado. Mas a verdade é que, para as mulheres, no caso desta pesquisa, todas menores de 24 anos, ainda existe uma espécie de certo e errado que dita posturas, aparências, comportamento sexual e até anseios de vida.



coisa de menina

RUA=MEDO

"Rua" foi a palavra mais citada nas 2.285 respostas às perguntas "A violência contra a mulher aparece em seu dia a dia? Como?". O espaço público é visto, pela maior parte das entrevistadas, como um local em que não há segurança ou respeito pelas mulheres. **94% delas já foram assediadas verbalmente e 77%, fisicamente.** Dos episódios de assédio sexual físico, **72% se deram com desconhecidos.** São as "encoxadas" no transporte público, o tapa na bunda durante um passeio, o beijo forçado na balada. O resultado disso? Medo.

"Sair de casa é sempre uma aventura", afirma uma jovem de 24 anos, moradora do Rio de Janeiro, que se lembra de ter ouvido a primeira cantada aos 9 anos. Depois disso, os episódios sempre foram frequentes. "O medo cresce com a gente."

Esse sentimento faz parte da realidade das jovens: **90% já deixaram de fazer algo por medo da violência,** especificamente por serem mulheres. E essas restrições acontecem justamente no espaço público: elas deixam de sair à noite, de usar determinadas roupas ou de responder a uma cantada. "Ando na rua com medo. Se vejo uma moto com dois caras ou um carro com vidro mais escuro, já fico recuada, sem saber o que fazer", conta uma jovem de 20 anos, moradora de Benevides, no Pará.

Essa atmosfera de vulnerabilidade tem implicações importantes na rotina das garotas. "Se vou pegar transporte público, vou de calça, mesmo que esteja muito calor. Não posso ir de vestido ou shorts porque com certeza vou ter algum problema no caminho", afirma uma universitária de 19 anos, que todos os dias vai de Taboão da Serra, Grande São Paulo, para o centro da capital. Outra garota, moradora do bairro de Heliópolis, em São Paulo, acredita que suas escolhas são limitadas por esse medo. "Já deixei de ir a muitos lugares e isso é horrível. Você perde parte da sua vida."



coisa de menina

QUANDO TUDO COMEÇA?

Cabe perguntar: onde começa essa relação desigual com o espaço público? Porque homens se sentem tão à vontade, a ponto de abordar desconhecidas na rua, e as mulheres se sentem acuadas?

É claro que a resposta para essa questão remete a anos de disparidade entre os gêneros e exploração do corpo feminino. Entretanto, chamam a atenção os depoimentos sobre a relação com o espaço público desde a infância.

Enquanto meninos são habituados e até incentivados a brincarem na rua - jogando bola, empinando pipa ou andando de skate -, as meninas geralmente têm sua circulação restrita. Devem ficar dentro de casa e brincam de casinha ou boneca, que já antecipam as tarefas domésticas.

"Eu e minhas irmãs ficávamos presas, enquanto os meninos brincavam na rua, na liberdade. Aí as pessoas crescem achando que é assim mesmo", opina uma jovem de 21 anos, moradora da periferia de Salvador.

A história se repete em Heliópolis, São Paulo: *"Eu sempre tinha que ficar dentro de casa e os meninos podiam ir pra rua. Eu gostava de empinar pipa, mas minha mãe não deixava, porque era coisa de menino. Às vezes ia escondido e, se ela me encontrasse, me pegava e me botava pra dentro".*

Várias entrevistadas relataram ser proibidas de brincar na rua ou de certas coisas, consideradas masculinas. Se desafiavam essa imposição, sofriam preconceito por familiares ou vizinhos: eram chamadas de "maria machinho".

A diferença na relação com a brincadeira e com o esporte também acontece no espaço escolar. Uma adolescente de 14 anos, de Belém do Pará, conta que aos 9 anos foi impedida de participar de um campeonato de futebol. *"Perguntei ao professor e ele disse que era porque eu era menina".*

"Ser menina" limita as possibilidades de escolha mesmo quando se é criança, mesmo num ambiente que deveria ser de aprendizado. *"Eu nem pude descobrir se gostava de futebol, se eu era boa. Quem sabe eu não poderia ser uma jogadora?"*, comenta outra jovem, moradora de Itaquera, São Paulo.

A relação com o corpo, já nas brincadeiras, também é diferente. Os meninos "podem" se machucar e andam sem camisa. As garotas, mesmo muito pequenas, não participam de jogos mais arriscados (afinal, isso não é "coisa de menina"), têm que esconder o corpo e já são alertadas sobre qual a maneira correta de andar e se sentar.



coisa de menina

OS PADRÕES DE COMPORTAMENTO

Os conceitos do que é certo e errado também são diferentes para garotos e garotas, principalmente quando se trata de um contexto afetivo e sexual. Ter mais de um parceiro pode ser motivo de orgulho para eles, mas quase sempre causa vergonha às meninas. *"São dois pesos, duas medidas. Se é um cara que faz algo, 'faz parte de sua natureza'; se é a mulher, é 'culpada'",* opina uma entrevistada de 24 anos, de São Paulo.

Essa culpabilização da mulher aparece em diferentes cenários. Do assédio na rua ao comportamento sexual. Uma jovem de 18 anos, moradora de Campo dos Goytacazes, Rio de Janeiro, resume: *"Minha mãe me impede de usar certas roupas porque estarei 'me insinuando'. Também me sinto oprimida por não poder expor meus desejos porque serei chamada de 'puta'".*

Um exemplo de como o comportamento sexual das mulheres ainda é tabu é o "Top 10 do Whatsapp", uma lista com nomes e fotos de 10 meninas e comentários difamatórios, todos de cunho sexual, sobre elas. Aconteceu com uma garota de 18 anos, de Heliópolis. *"Eles ficam passando um pro outro, pelo celular. Fiquei muito mal, passei alguns dias fechada em casa, sem ir pra escola. As pessoas mexiam comigo na rua."*

Mesmo com toda a hiperssexualização do corpo feminino na mídia, com a popularização do funk, com todos os avanços desde a revolução sexual nos anos 1960, a liberdade sexual de uma jovem, no Brasil, é vista com maus olhos. O ideal de castidade ainda ronda as mulheres.

"Tenho medo da reação da minha família quando souberem que não sou mais virgem, tenho medo, muito medo, de ser abandonada por eles", revela uma garota de 21 anos, de São Luís do Maranhão.

Essa visão faz com que muitas meninas sejam presas dentro de casa. *"Meus irmãos começaram a sair muito mais cedo do que eu, acho isso errado",* conta uma adolescente de Brasília. *"Os pais seguram ao máximo as meninas em casa. E, se possível, só as deixam sair se for com um namorado fixo, em quem confiem. É uma propriedade: antes ela é dos pais, depois do namorado",* opina uma universitária de Franco da Rocha, São Paulo.

O homem, ao contrário, pode - e deve - ter e expor seu desejo sexual, seja com as parceiras, seja com desconhecidas, por meio das cantadas. *"Uma frase que acho horrível, que já ouvi da minha própria mãe, é 'Segurem suas cabras porque meus bodes estão à solta'",* conta uma jovem de 19 anos. Fala que reforça que a educação familiar alimenta estereótipos e pode cercear a liberdade das jovens.



coisa de menina



QUEM MANDA AQUI

Essa diferenciação tem resultados nos relacionamentos, nos homens que percebem as parceiras como propriedade. *“Aos 14 anos comecei a namorar um cara de 18, que fazia questão de dizer que tinha me ‘pegado pra criar’. Desde o início, ele me proibia de fazer diversas coisas, como sair com amigas, ter amigos homens, sair sem ele”,* conta uma estudante de jornalismo de 19 anos, de São Paulo. Quando ela começou a enfrentar o parceiro, as brigas se intensificaram e ele acabou batendo nela. *“Só depois fui perceber que aquele controle já era algo violento”.*

Justamente por crescerem em uma sociedade extremamente desigual, muitas jovens não percebem que estão em um relacionamento abusivo, mesmo que não envolva agressão física. Muitas vezes, a violência psicológica está dentro de casa: *“Minha mãe vive uma violência que acaba me afetando. Meu pai deturpa tudo em sua mente, diz que quando ela sai pra trabalhar é pra se prostituir, que eu e meus irmãos não somos filhos dele. Ela é serva dele, escrava sexual e se algo não está bom é motivo para quebrar a casa”,* conta uma adolescente de 17 anos, moradora de Bebedouro, São Paulo.

A pressão pra se ter um companheiro, também muito citada entre as entrevistadas, é outro estímulo. *“A mulher, principalmente na periferia, tem que ter homem, se não ela perde seu valor, é vista como um ser desprotegido. Acho que muitas aceitam relações assim porque não querem ficar sozinhas”,* relata uma jovem do Rio de Janeiro.



coisa de menina

TÔ NA MÍDIA

Além da educação familiar, outro fator importante na criação e reprodução de estereótipos femininos é a mídia. Se no dia a dia a mulher ideal é “casta”, tem poucos parceiros ao longo da vida e “se dá o respeito”, na mídia seu corpo é objetificado e hiperssexualizado.

86% das entrevistadas afirmam não se sentirem representadas na mídia e os motivos são os mais diversos. *“O que mais incomoda são as propagandas que usam o corpo da mulher pra vender um produto. Um clássico, claro, são as de cerveja”,* afirma uma universitária de São Paulo.

A estereotipação não se limita ao corpo: *“[Na mídia,] a mulher está sempre como a que gosta de casar, ter filhos, cuidar da casa, faz ‘coisas de mulher’. É a que não entende de ciências exatas e não sabe trocar uma lâmpada”,* afirma jovem de São Paulo.

“Todas brancas são ricas. Pobre e/ou negra é a empregada”, comenta uma jovem de 21 anos, sobre o racismo na dramaturgia televisiva. Alimenta-se, então, um ideal de cor, cabelo e corpo que implicam um enorme sacrifício por parte das mulheres e problemas de autoestima.

“Desde os 10 anos, tenho crises com o meu peso. Emagreci drasticamente, fiz regimes doidos, já vomitei muito depois de comer. A reprodução da mulher na mídia tem grande papel na minha história com meu corpo, onde não há (e não acho que vá haver) paz”, desabafa uma jovem de 23 anos.

E, mais uma vez, as garotas que saem do padrão estabelecido sofrem preconceito. É o que vive, dentro de casa, uma jovem de Cotia, depois que decidiu deixar crescer os pelos das pernas e das axilas. *“Sempre surgem perguntas como ‘o que você quer com isso? Virar homem?’. Também sou duramente atacada por ter cortado o cabelo tão curto, porque com isso eu estou ‘espantando os rapazes’.”*

DE DENTRO PRA FORA

O que os números desta pesquisa - detalhados nas páginas a seguir - revelam é um cenário de machismo muito forte, mesmo entre as mulheres mais jovens, e principalmente dentro de casa. Esses padrões de comportamento acabam por naturalizar atos de violência, como o assédio no espaço público e o abuso dentro de relacionamentos afetivos.

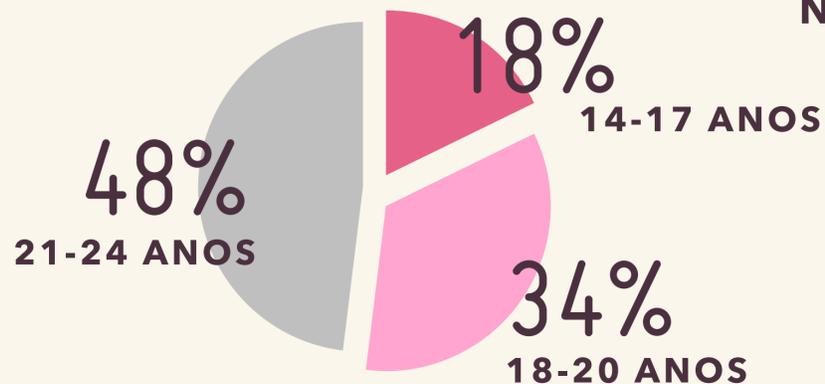
Além disso, essa desigualdade impede que meninas tenham certas experiências e explorem seu potencial, seja para brincar, estudar ou explorar sua sexualidade. E, claro, o machismo também traz consequências para os meninos, impelidos a terem um comportamento mais agressivo e sexual.

Podemos perceber uma evolução, entretanto, no que diz respeito à percepção do machismo. Para essas jovens, a violência vai muito além do tapa na cara. Ela está nos atos mais sutis, no preconceito, na impossibilidade de executar certas tarefas, no medo de sair sozinha.

Essa percepção é extremamente importante, porque mostra que situações antes tidas como normais estão sendo questionadas e criticadas justamente por quem sofre com elas. O primeiro passo para a mudança.



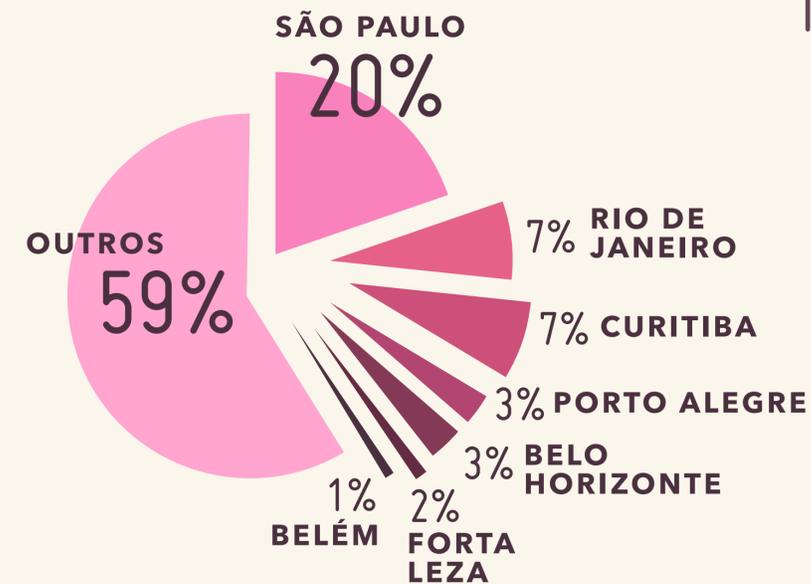
IDADE



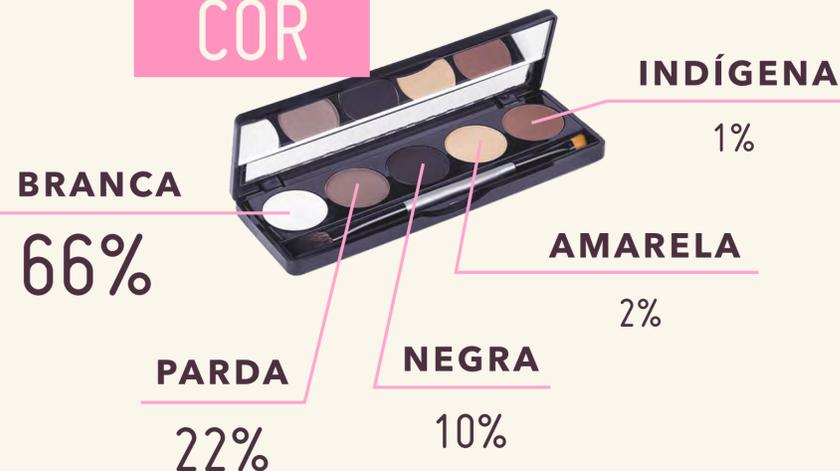
FILHOS

96% NÃO
4% SIM

ONDE MORAM



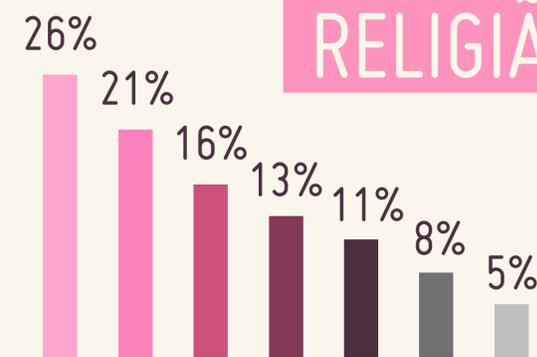
COR



PERFIL
DAS ENTREVISTADAS



RELIGIÃO

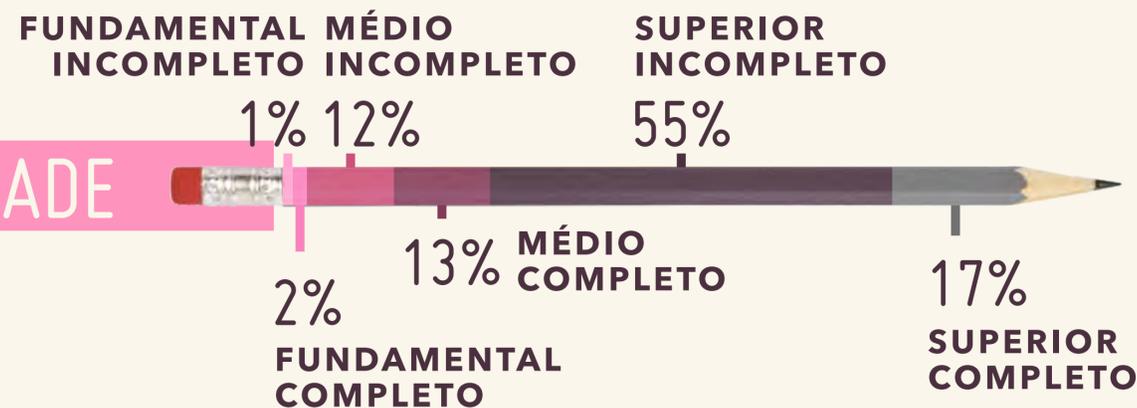


- ACREDITO EM DEUS, SEM RELIGIÃO
- NÃO, SOU AGNÓSTICA
- NÃO, SOU ATÉIA
- OUTRAS
- CATÓLICA
- ESPÍRITA
- EVANGÉLICA

FOI CRIADA POR QUEM



ESCOLARIDADE



1. AGRESSÃO FÍSICA

41%

JÁ SOFRERAM AGRESSÃO
FÍSICA POR HOMEM

desses, os mais citados foram:

51% | por algum familiar

38% | por parceiro

23% | por amigo/colega

3% | por professor ou superior da escola

3% | por chefe ou colega de trabalho

3% | por desconhecido

“Quando tinha 16 anos, o então marido da minha avó, bêbado, a agrediu e eu tentei defendê-la. O atingi com uma caneca de porcelana que estava ao meu alcance e ele me deu um soco.”

24 anos, Macapá, AP

“Eu tenho um tio muito violento, que já foi pra cima da minha vó. Mas na favela é diferente, não dá pra chamar a polícia.”

18 anos, Rio de Janeiro, RJ

“Um ex-namorado, no meio de uma briga, me deu um chute.”

19 anos, São Paulo, SP

“Nunca sofri nada em casa, mas na rua e em festas, sim. Já levei um soco por não querer beijar um menino.”

18 anos, Santa Maria, RS

“Eu apanhava do meu namorado em todas as brigas. Hoje, com a distância, ele só pratica a psicológica, mesmo...”

19 anos, Blumenau, SC

2. AGRESSÃO VERBAL

84%



JÁ SOFRERAM
AGRESSÃO VERBAL
POR HOMEM

"Na rua, por mais de uma vez fui agredida. Uma vez um homem ameaçou jogar um saco de cimento em mim."

24 anos, São Paulo, SP

"Acontece muito de um cara mexer na rua e, se você não dá atenção, vira a cara ou reage, o cara te xinga, chama de acabada, vagabunda, coisas bem fortes. Às vezes eles perseguem, vão atrás, mesmo."

21 anos, Salvador, BA

"Hoje, sofro violência psicológica vinda do meu companheiro. Já fui agredida por ele mas não consegui terminar."

18 anos, Porto Alegre, RS

"Meu tio me chamava de várias coisas: inferior, pateta, merda. Se eu saísse com um vestido mais curto, ele dizia que eu era vulgar, não prestava. Eu tinha 12 anos, ficava muito pra baixo."

14 anos, Belém, PA

3. ASSÉDIO SEXUAL

77%

AFIRMAM JÁ TER
SIDO ASSEDIADAS
SEXUALMENTE

POR CONHECIDO

desses,

10%

por familiares

6%

pelo parceiro

9%por amigo
ou colega

"Quando eu tinha cinco anos, fui abusada e nunca contei a ninguém. Cresci com o sentimento de culpa e o pior foi quando tinha uns oito anos e escutava muito que 'quem usa roupa pequena pede pra ser estuprada'. E na minha cabeça eu pensava 'mas eu tinha cinco anos, era uma criança'."

16 anos, São Paulo, SP

"Fui molestada quando criança por um homem idoso."

16 anos, Campinas, SP

"Sofri um abuso na infância, pelo meu padrasto. Mas minha mãe não acreditou, disse que eu provavelmente tinha provocado ele."

20 anos, São Paulo, SP

NO ESPAÇO PÚBLICO

desses,

72%já foram
assediadas por
desconhecidos

"Assédio no ônibus ou metrô sempre acontece. Antes não reagia, comecei a reagir agora, porque passei a me valorizar. É uma questão de autoestima. Meu corpo não é público."

21 anos, São Paulo, SP

"Um cara já chegou a passar a mão em minhas nádegas e xingou, ameaçando me bater quando protestei. Estava com minha mãe e meu irmão, de 4 anos na época, numa tarde de sábado, voltando do mercado."

24 anos, São Paulo, SP

"Quando tinha uns 16 ou 17 anos estava no ônibus sentada quando um imbecil, ao passar por mim, aproveitou para apalpar meu seio, e em seguida desembarcou. Lembro que não tive reação, não sabia se gritava ou falava alguma coisa, olhava incrédula pras pessoas ao redor que não perceberam ou fingiram não ver."

23 anos, Curitiba, PR

4. ASSÉDIO SEXUAL VERBAL

94%

FORAM
ASSEDIADAS
VERBALMENTE

"Aos 9 anos de idade ouvi o meu primeiro "te chupo todinha". Ir ao trabalho, ao mercado, à faculdade, é sempre uma aventura, você nunca sabe o que vai ouvir, com quem vai lidar, se vai sair calada ou se um dia vai botar tudo pra fora e gritar com o desgraçado. Se está segura ou não. O medo cresce com a gente."

24 anos, Rio de Janeiro, RJ

"Uma vez, dois caras de bicicleta passaram por mim e um deles falou: 'Que delícia de novinha'. O outro notou minha aliança e falou 'Ei, para com isso, a guria é casada'. Então eu não mereço respeito, mas meu namorado sim?"

15 anos, Paranaguá, PR

VOCÊ CONSIDERA ESSE TIPO DE "CANTADA" OU ELOGIO, FEITO POR DESCONHECIDOS, UM TIPO DE VIOLÊNCIA?

73% | SIM

"Acho que é, mas é difícil ter noção de que é violência quando você está acostumado com isso. Acontece toda hora, com todo mundo, amigas, minha irmã. Só depois você percebe o que aconteceu e que você não fez nada."

19 anos, Taboão da Serra, SP

5% | NÃO

"Chamar de "gostosa" não é violência, é falta de educação. Acho que o povo dá mais importância a isso do que realmente tem. Se eu tô com shortinho apertadinho, decotão, eu tô querendo chamar a atenção."

24 anos, São Paulo, SP

22% DEPENDE DO CASO

5. RELACIONAMENTOS



É VIOLÊNCIA?

A. Em um relacionamento, seu parceiro já quis controlar suas amizades ou os lugares em que você ia?

57% | SIM

43% | NÃO

69% consideram que esse tipo de controle é um ato violento

"Eu tinha que viver pra ele, só olhar pra ele. Se eu falava com outras pessoas ele já fechava a cara, não podia falar com ninguém."

21 anos, Salvador, BA

B. Em um relacionamento, seu parceiro já quis que você trocasse de roupa pra sair?

39% | SIM

61% | NÃO

72% consideram que esse tipo de controle é um ato violento

"Já ouvi de namorado que ele ia passar vergonha por causa da roupa que eu estava usando, porque todo mundo ia ficar olhando pra mim e seria ruim para ele."

20 anos, Benevides, PA

C. Em um relacionamento, seu parceiro já quis acessar ou acessou seu celular/e-mail/redes sociais?

55% | SIM

45% | NÃO

64% consideram que esse tipo de controle é um ato violento

"A partir do momento que você começa investigar uma pessoa, ver se ela tá mentindo ou não, isso é uma violência."

19 anos, Taboão da Serra, SP

5. RELACIONAMENTOS

47%



JÁ FORAM FORÇADAS
A TER RELAÇÕES SEXUAIS
COM O PARCEIRO

O SEXO NÃO CONSENTIDO

"A gente acha que tem que satisfazer o parceiro. Aconteceu algumas vezes do meu ex-namorado me pegar contra minha vontade. Na época eu não sabia que aquilo estava errado."

21 anos, Salvador, BA

"Os caras insistem no sexo mesmo sabendo que eu bebi ou que não estou em condições de decidir."

18 anos, Macapá, AP

"Fiz porque achei que tinha que agradá-lo."

19 anos, São Paulo, SP

"Sinto que é violência quando meu parceiro acha que eu tenho que fazer sexo."

21 anos, Osasco, SP

"Minha mãe vive um violência psicológica e verbal que acaba me afetando. Meu pai deturpa tudo em sua mente, diz que quando ela sai pra trabalhar é pra se prostituir e se encontrar com amantes, que eu e meus irmãos não somos filhos dele. Ela é serva dele, escrava sexual e se algo não está bom é motivo para quebrar a casa."

17 anos, Bebedouro, SP

6. MEDO DA VIOLÊNCIA

90%



JÁ DEIXARAM DE FAZER
ALGUMA COISA COM
MEDO DA VIOLÊNCIA

O QUÊ?



"Eu tenho medo de sair de casa à noite, de ficar em locais fechados sozinha com homens e até mesmo receio em me aproximar deles. Fazia engenharia mecânica e, sendo um ambiente majoritariamente masculino, eu era constantemente 'bullinada' por ser mulher, negra e lésbica, até mesmo por meus 'amigos!'"
20 anos, Curitiba, PR

"Se vou pegar transporte público, vou de calça, mesmo que esteja muito calor. Não posso ir de vestido ou shorts porque com certeza vou ter algum problema no caminho. Meus pais também reclamam se eu for."
19 anos, Taboão da Serra, SP

"Aqui no Pará está acontecendo muito de homens em carros raptarem mulheres. Então, ando na rua com medo. Se vejo uma moto com dois caras ou um carro com vidro mais escuro, já fico recuada, sem saber o que fazer."
20 anos, Benevides, PA

"Já deixei de sair à noite ou passar em determinado lugar. Tem um lugar aqui perto que foi apelidado de 'beco do estupro' porque é superescuro e fica do lado de um matagal."
24 anos, São Paulo, SP

"A gente anda com medo na rua, não se sente confortável. Outro dia um cara me seguiu até em casa, falando coisas."
14 anos, Belém, PA

7. PRECONCEITO

82%

DISSERAM QUE JÁ
SOFRERAM PRECONCEITO
POR SER MULHER

ONDE?

desses,

39%

na escola
ou faculdade

14%

no trabalho

"O chefe pede pra limpar o chão só porque você é a única mulher presente."

20 anos, Foz do Iguaçu, PR

"Durante a faculdade, já dei de cara com aqueles professores machistas que soltam pérolas como 'vocês mulheres são depósitos de esperma!'"

23 anos, Alagoinhas, BA

"Sinto o machismo principalmente em questões profissionais, por essa coisa da mulher engravidar. Minha mãe é motorista e sempre tem problema com isso. Eu estou fazendo um curso de manutenção em computadores e sou a única mulher, aí os caras falam que eu não devia estar lá."

20 anos, Benevides, PA

"Eu tenho uma banda e fazia judô. Nos dois casos, não botavam fé em mim, não acreditavam que eu podia ser boa porque eu era mulher."

18 anos, São Paulo, SP

8. CRIAÇÃO

74%

SENTIRAM TRATAMENTO
DIFERENCIADO DENTRO DE
CASA, POR SER MULHER

“Meu pai sempre considera que quem deve arrumar a casa sou eu, minha irmã ou minha mãe, e nunca ele ou meu irmão. Meus tios comentam que acham incrível eu 'ser tão inteligente' mesmo sendo mulher...”

23 anos, Salvador, BA

“Quando chego em casa tarde por qualquer motivo, sou vítima de insultos por estar 'vadiando', 'não ajudando em casa' ou simplesmente ouço 'isso não é hora de menina estar na rua’.”

20 anos, São Paulo, SP

“Por ser mulher, devo sempre servir ao meu irmão mais velho e ao meu pai. Me calar perante às falas deles, não posso falar sobre política, futebol, não posso jogar sinuca.”

22 anos, Crato, CE

“Eu não tive infância. Com seis anos, tive que cuidar do meu irmão, de 5, e da minha irmã, de 2. Então tive que largar a escola, não brincava, não criei laços de amizade. Cuidava deles e da casa, tinha que ir pra beira do fogão.”

20 anos, Benevides, PA

“É uma casa com três mulheres e um homem, meu irmão mais novo. A opressão aparece na forma como a minha mãe e a minha tia se sujeitam aos papéis femininos tradicionais e em como tentam estabelecê-los a mim (controlando roupas, pelos, comportamentos, etc).”

24 anos, Florianópolis, SC

9. MÍDIA

86%

NÃO SE SENTEM
REPRESENTADAS
NA MÍDIA

"Me sinto alheia, pois a mulher está sempre como a que gosta de casar, ter filhos, cuidar da casa, faz 'coisas de mulher'. É a que não entende de ciências exatas e não sabe trocar uma lâmpada."

21 anos, Santos, SP

"Todas brancas são ricas. Pobre e/ou negra é a empregada."

21 anos, Rio de Janeiro, RJ

"A maneira como a mulher é retratada e tratada nas mídias. Pois isso só reforça a imagem dela na sociedade, como o sexo frágil, que necessita de 'proteção' do homem e por isso pode ser tratada como uma propriedade."

24 anos, Belo Horizonte, MG

"Desde os 10 anos, quando notei que era gordinha, tenho crises com o meu peso. Emagreci drasticamente, fiz regimes doidos, já vomitei muito depois de comer, e até hoje se não estou (no mínimo) 10 quilos abaixo da minha altura em centímetros, vou fazer alguma dieta restritiva. A reprodução da mulher na mídia tem grande papel na minha história com meu corpo, onde não há (e não acho que vá haver) paz."

23 anos, São Paulo, SP

10. COMO O MACHISMO AFETOU A SUA VIDA?

77%

ACHAM QUE O
MACHISMO AFETOU SEU
DESENVOLVIMENTO

“Minha família é muito machista e sempre fez distinção entre o que eu podia fazer e o que meus irmãos podiam. Eu nunca pude desenvolver as mesmas atividades ou frequentar os mesmos lugares, e isso acabou impactando muito em minhas escolhas e comportamento, tanto profissional quanto pessoal. Pra mim, de certa forma, isso é violência contra a mulher, pois é uma obstrução de quem você é e do que pode fazer.”

20 anos, Guarulhos, SP

“Eu não confio em homens. Tenho dificuldade de me relacionar com eles.”

21 anos, Franco da Rocha, SP

“Fazem uma lista de 'top 10' do Whatsapp, com nomes de meninas e coisas sobre elas, mesmo que não seja verdade e ficam passando um pro outro. Aconteceu comigo, há alguns meses. Fiquei muito mal, passei alguns dias fechada em casa, sem ir pra escola. As pessoas mexiam comigo na rua.”

18 anos, São Paulo, SP

“Já deixei de ir a muitos lugares e isso é horrível, você perde parte da sua vida.”

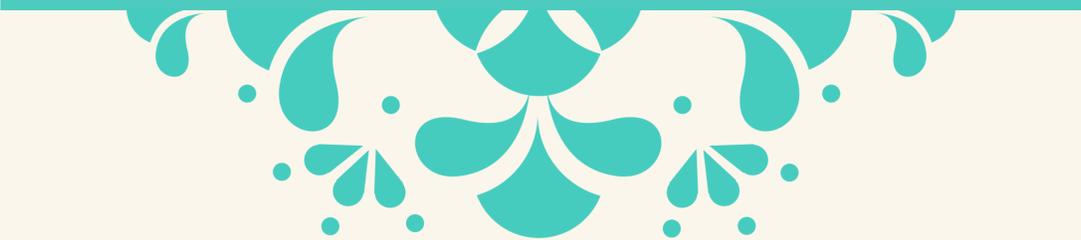
18 anos, São Paulo, SP

“Acho que afetou minha vida porque eu poderia ter tido outras vivências, coisas que não fiz por viver em uma sociedade machista.”

21 anos, Salvador, BA



COMO MUDAR?



"Eu tô cansada de viver isso! Li uma vez que ao invés de você tentar mostrar a um homem o que é o movimento feminista, você deve trocá-lo por empoderar duas mulheres, e é isso que eu busco fazer todos os dias."

18 anos, Campo dos Goytacazes, RJ

"Na escola, os professores são machistas. Acho que a escola deveria discutir isso, falar de igualdade de gênero, porque ela é a base, é ela que forma cidadãos, então deveria cumprir esse papel."

14 anos, Belém, PA

O que as meninas dizem?

"Uma educação menos machista, de igualdade. É preciso que existam mulheres pensando políticas públicas para mulheres, e mulheres dirigindo empresas também. Que as mulheres estejam em todos os espaços."

20 anos, São Paulo, SP

"Acho que a gente tem que preparar mais as mulheres para que elas não criem filhos machistas e que não tolerem maridos machistas também. E acho que o feminismo deveria ser abordado na escola."

20 anos, São Paulo, SP



no futuro



“Nós ensinamos as meninas a sentirem culpa. ‘Feche as pernas’, ‘Se cubra’. Fazemos com que elas sintam que, por nascerem mulheres, elas já são culpadas de algo. Então, garotas se transformam em mulheres que não conseguem enxergar que têm desejos. Mulheres que se calam.”
Chimamanda Ngozi Adichie

Transformar uma cultura não é tarefa simples. O machismo está impregnado nos hábitos mais simples, nos comentários mais sutis. Mas, como a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie nos lembra, *“A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura”*. É possível mudar, e é preciso trabalhar para isso todos os dias, atacando cada um dos hábitos e comentários que, por mais inocentes que possam parecer, perpetuam uma condição desigual e violenta para todas as mulheres.

Esta pesquisa apontou que muitas famílias ainda reproduzem, com suas filhas e filhos, o preconceito, que acaba por alimentar e permitir que a violência contra a mulher ocorra. Ainda assim, existem espaços onde essa discussão está sendo feita. Prova disso é a percepção das jovens sobre o tema – mesmo nas famílias com culturas extremamente machistas. Um desses espaços é a internet, que per-

mite que a informação seja disseminada de forma ampla e irrestrita. O outro – ainda que subtilizado – é a escola.

De um lado, é preciso que professores e coordenadores sejam orientados a não reproduzir estereótipos dentro do ambiente escolar. Dentro de salas, quadras e laboratórios, não pode haver coisas de menino ou de menina. E, quando surgirem conflitos relacionados a gênero, o assunto deve ser abordado de forma clara, para que sejam convertidos em aprendizado. Mas, além disso, é preciso que o tema seja tratado de forma transversal e como política pública.

Algumas experiências pioneiras apontam caminhos:

algumas experiências pioneiras

1

Coletivo matrimanas

Na Escola Técnica Estadual Albert Einstein, zona norte de São Paulo, um grupo de 20 alunos - homens e mulheres - se encontra semanalmente para debater questões como gênero, feminismo negro e aborto: o Coletivo Feminista Matrimanas.

2

Não sou uma gracinha

Na Escola Nossa Senhora das Graças, em São Paulo, alunas do Ensino Médio criaram o Coletivo Eu não Sou uma Gracinha, em referência ao apelido do colégio. Entre outras atividades, as meninas organizam aulas para os estudantes do Ensino Fundamental, em que debatem feminismo, machismo e preconceito. E, uma vez por mês, elas convidam os meninos para conversarem sobre o papel do homem dentro do feminismo.

3

Gênero na escola

Um grupo de jovens do segundo ano do ensino médio da escola Lourenço Castanho, em São Paulo, organizou um projeto que trabalha temas relacionados a gênero e feminismo em formato de monografia. E agora, um coletivo feminista formado pelas alunas e algumas professoras está se reunindo para discutir gênero com as crianças.

algumas experiências pioneiras

4

É tudo
brincadeira,
#sqn

A pedagoga Edna Telles, que dedicou seu mestrado a estudar os significados de gênero nas práticas escolares, desenvolveu uma iniciativa em uma escola municipal da periferia de São Paulo, com alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Duas vezes por semana, cada turma saía da sala para brincar, mas com um detalhe: em um dia, todos brincavam com bonecas e utensílios domésticos; no outro, se divertiam com carrinhos e bonecos. O objetivo era justamente desconstruir, por meio dos brinquedos, a ideia de que há coisas “de menino” e “de menina”.

5

Professora
feminista

Ileana Jiménez, fundadora do blog Feminist Teacher, trabalha há 13 anos dando aula de literatura inglesa em uma escola de Nova York. Os títulos dos livros que seleciona, no entanto, são todos dentro de temas como feminismo, gênero e literatura LGBT. A partir da leitura, ela propõe discussões que promovem o debate sobre equidade e justiça nas salas de aula.

6

Política
pública

A Austrália lançou, em 2010, um plano nacional chamado Respectful Relationships para trabalhar a violência contra a mulher dentro das escolas, como forma de política pública. Na cartilha, o governo apresenta uma base teórica sobre feminismo para que os professores utilizem o tema de forma transversal no currículo escolar.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



instituto
vladimir
herzog



I SEMINÁRIO
INTERNACIONAL
CULTURA DA
VIOLENCIA CONTRA
AS MULHERES

